

Fernanda Guardado

Economista-Chefe

fernandaguardado@bocombbm.com.br

O surto do vírus Covid-19, que se iniciou em janeiro na China, ganhou proporções globais ao longo de fevereiro. Ao final do mês, o número de infectados no mundo encostava em 90 mil, com quase 3 mil mortes. A China concentrava 92% dos infectados e 95% das fatalidades; porém, o vírus tem mostrado uma rápida transmissão, com aumento substancial de casos em países como Itália e Coréia do Sul, e já se registram casos em mais de 30 países. A percepção de que o impacto negativo do vírus – através da interrupção das cadeias de produção e da queda do consumo – irá não só se estender no tempo, como também geograficamente levou a uma onda de revisões para baixo no crescimento global. A OECD prevê que, em 2020, a economia global cresça 2,4%, o ritmo mais fraco desde 2009 e meio ponto percentual abaixo de 2019.

Ainda que a atividade chinesa esteja lentamente voltando ao normal na virada para março, seu ritmo segue substancialmente abaixo do usual, sinalizando que a economia chinesa deve apresentar uma retração no primeiro trimestre. As revisões para baixo nas projeções de crescimento chinês e global ensejaram um aumento relevante na incerteza sobre o futuro, e conseqüentemente uma onda de aversão ao risco no mercado financeiro. As bolsas globais entraram em um acentuado movimento de queda, com o S&P e o Euro Stoxx 50 acumulando respectivamente -8,4% e -8,6% no mês. As moedas emergentes também sofreram com a maior procura pelo dólar, e o Real se depreciou quase 4,5% no mês.

Os Governos e bancos centrais reagiram à deterioração do cenário e inauguraram as medidas de suporte à economia global. O PBoC, banco central chinês, agiu inicialmente e cortou sua taxa de juros, além de suprir liquidez para bancos e estimular o crédito para pequenas e médias empresas. A política fiscal também será acionada, com o aumento de gastos em projetos de infraestrutura, principalmente em cidades de menor porte. No início de março, o *Federal Reserve*, banco central americano, decidiu reduzir a taxa de juros básica americana em meio ponto percentual, para o intervalo entre 1% e 1,25%, em uma rara reunião extraordinária, e outros BCs já sugeriram que devem empreender cortes de juros nas próximas semanas – inclusive o BC brasileiro. Na Europa, onde as taxas de juros já são negativas, é possível que parte da resposta passe por uma expansão fiscal.

Com a sinalização dada pelo BC brasileiro, acreditamos que a taxa Selic será reduzida em 25 bps na reunião do dia 18 de março, atingindo 4%, onde deve permanecer até o fim deste ano. O ciclo de normalização da Selic deve ficar para o ano que vem, e acreditamos que a taxa deve subir até 6% ao ano. O BC deve continuar a defender uma postura cautelosa diante de mais uma incerteza, agora em relação à economia global e sua eventual recuperação.

O Brasil pode sofrer os efeitos econômicos do Covid-19 por dois canais de transmissão: via menores exportações e através de interrupções no suprimento de componentes importados, principalmente nos setores eletroeletrônicos e autopeças – setores onde as importações de componentes chineses têm participação expressiva. As exportações devem recuar tanto pelo efeito preço (devido à queda nos preços das commodities), como pela menor demanda de nossos parceiros comerciais no ano, em particular a China. A extensão da interrupção do fornecimento de componentes ainda é incerta, e por enquanto, incipiente. Porém, é possível que se agrave nas próximas semanas. Revisamos nossa projeção de crescimento em 2020 para 1,9%, em cima de uma expectativa de impacto contido do choque no crescimento do ano. Seguiremos acompanhando de perto tanto a evolução da epidemia no mundo, quanto seus efeitos na economia brasileira nas próximas semanas.

PROJEÇÕES ECONÔMICAS	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020P	2021P
Crescimento do PIB (%)	0,5%	-3,5%	-3,3%	1,3%	1,3%	1,1%	1,9%	2,5%
Inflação (%)	6,4%	10,7%	6,3%	2,9%	3,7%	4,3%	3,3%	3,7%
Taxa de Desemprego (%)	7,1%	9,6%	12,6%	12,4%	12,2%	11,7%	11,0%	10,7%
Taxa Selic (%)	11,75%	14,25%	13,75%	7,00%	6,50%	4,50%	4,0%	6,00%
Contas Externas								
Balança Comercial (US\$ bi)	-4	20	48	67	53	39	37	40
Saldo em Conta Corrente (US\$ bi)	-104	-59	-23	-10	-42	-51	-61	-60
Saldo em Conta Corrente (% do PIB)	-4,3%	-3,3%	-1,3%	-0,7%	-2,2%	-2,8%	-3,2%	-2,5%
Política Fiscal								
Resultado Primário Fiscal (% do PIB)	-0,6%	-1,9%	-2,5%	-1,8%	-1,6%	-0,9%	-1,5%	-0,9%
Dívida Bruta do Governo (% do PIB)	57,2%	66,2%	69,4%	73,7%	77,2%	75,9%	77,0%	76,0%